

# GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: A PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA E UMA CRÍTICA RADICAL AO POSITIVISMO\*

João Baptista Ferreira de Mello\* \*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os laços de afetividade que ligam o homem — abstrata ou concretamente — ao lugar provocam relatos verbais e escritos do cidadão comum, artistas, poetas e intelectuais. Todavia, somente nas últimas duas décadas, a Geografia passou a utilizar a experiência vivida como instrumento de investigação, muito embora o relacionamento dos seres humanos com o meio seja pertinente com os princípios deste saber.

A Geografia trilhou um longo caminho para introduzir o homem como ser pensante em suas pesquisas; já a disciplina escolar, ainda hoje, menospreza o rico material de experiências do mundo vivido e evidentemente as fantasias e concepções que derivam dessas vivências. A criança não sabe

que faz, pratica e vive Geografia. O professor tampouco a alerta. O mundo vivido do estudante é “esquecido” na porta da sala de aula, ainda que, desde pequeno, o elemento humano possua, a seu modo, um mundo organizado a partir da casa, rua, bairro e locais percorridos rotineira ou temporariamente.

Os geógrafos humanísticos, comungando com a corrente de especialistas que advoga um aprendizado geográfico (formal) a partir do mundo vivido, distanciam-se daquela Geografia aborrecida e abstrata — repetindo Maria do Socorro Diniz<sup>1</sup> — de penínsulas, cabos, istmos, “ilhas cercadas de água por todos os lados” ou capitais de países distantes. A dinâmica do mundo vivido presente nos textos humanísticos demonstra que a Geografia está na alma do povo e — parafraseando Ives Lacoste<sup>2</sup> — serve antes de mais nada para o dia-a-dia.

\* Recebido para publicação em 01 de junho de 1990. Desejo expressar meus agradecimentos, pelas sugestões e paciência constantes, ao geógrafo Roberto Lobato Corrêa (IBGE/UFRJ) e ainda a Miguel Ângelo Campos Ribeiro, geógrafo do IBGE, pela leitura do texto.

\*\* Analista Especializado em Geografia da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.

<sup>1</sup> Defesa de dissertação de mestrado em Educação (exposição oral) de Maria do Socorro Diniz, “Do Espaço Vivido ao Ensinado; o Desafio do Ensino da Geografia no 1º Grau” — PUC/RJ, 1989.

<sup>2</sup> Título da obra de Ives Lacoste — A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra. Lisboa, Iniciativas, 1977.

Com base na experiência vivida a Geografia humanística objetiva interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Tal intenção pode conduzir à seguinte indagação: por que se busca desvendar e explicar o espaço, recorrendo-se aos indivíduos e grupos sociais? Nas palavras do geógrafo europeu Jean Gallais existe uma disparidade entre a visão do especialista e a dos povos de regiões, com as por ele pesquisadas na África. Assim, a análise do espaço vivido "é um trabalho difícil mas indispensável para se chegar a uma Geografia verdadeiramente humana e compreender as possibilidades da aceitação de qualquer proposta de mudança" (Gallais, 1977, p. 5). Vale salientar ainda que as ciências (em crise) estão preocupadas em fornecer elementos ou mesmo entender as drásticas transformações que estão ocorrendo no planeta. O físico F. Capra, em sua obra *O Ponto de Mutação*, (1982) — antevendo, depois do caos, uma revolução nas ciências e uma poderosa mudança social —, lembra que "o armário de idéias está vazio" (1982, p. 23), referindo-se ao artigo do jornal *The Washington Post*, relatando a incapacidade do mundo acadêmico em apresentar caminhos e soluções, subcrevendo apenas "percepções estreitas da realidade, as quais são inadequadas para enfrentar os principais problemas do nosso tempo". Por isso mesmo a Geografia humanística defende uma maneira diferente de se pesquisar o espaço e o lugar, longe da verdade única de um pensador dominado por teorias que "explicam" o mundo.

De acordo com Milton Santos (1988, p. 29) "o homem atinge um conhecimento analítico e sintético de toda a natureza e adquire a capacidade de uma utilização global das coisas que o cercam". Assim, prossegue Santos (1988, p. 29 mencionando C. Van Paasen), "os geógrafos não podem existir senão numa sociedade dotada de um senso geográfico". O mesmo tipo de raciocínio é desenvolvido por Lowenthal (1985) para quem cada ser humano é um geógrafo informal.

A Geografia humanística, em consonância e procedente com as idéias inventariadas, "procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações

das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar" (Tuan, 1985, p. 143) e, numa atitude diferente, centraliza no homem, enquanto ser pensante, uma importância vital, visando a compreender e interpretar os seus sentimentos e entendimentos do espaço e, até mesmo, como a simbologia e o significado dos lugares podem afetar a organização espacial.

O humanismo em Geografia desenvolveu-se como reação à certeza e precisão do positivismo em sua postura reducionista. A abordagem humanista se apóia nas filosofias dos significados — tais como a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica —, procurando compreender, por intermédio da experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, o que é o mundo vivido. Para tanto, o pesquisador deve entranhar-se, sem preconceitos, nos significados que os seres atribuem aos espaços e lugares, visando a compreender suas alegrias e carências, para então tentar influir e agir na construção de um espaço mais humanizado.

Os geógrafos humanísticos, contrastando com a maioria dos cientistas, utilizam como ferramenta de trabalho a experiência vivida. E em seus esforços para interpretar como o homem se apropria e atua espacialmente e as relações mantidas com o mundo, não testam hipóteses, pressuposições ou tampouco utilizam teorias. O surgimento da perspectiva humanística ocorre, no início dos anos 70, quando alguns geógrafos desencantados com uma Geografia sem homens começam a buscar nas filosofias dos significados respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o neopositivismo predominantes na ciência geográfica.

Assim como não há uma verdade absoluta, inexistente o mundo concreto, objetivo e único dos positivistas. Todo ser humano pensa e filosofa, sendo portanto capaz de refletir sobre os fenômenos do(s) mundo(s) vivido(s). Como a tradição positivista da Geografia praticamente ignora a consciência humana, geógrafos como Tuan, Relph, Buttimer, Seamon, Pocock, entre outros, abraçam o humanismo e adotam as suas fi-

losofias, com vistas a aclarar a consciência espacial dos seres humanos, já que o mundo não é preciso, certinho e sim pleno de ambigüidades, valores pessoais e de grupos. Posicionando-se contra testes hipotéticos, teorias e leis, a Geografia humanística é crítica e radical por não perfilar com aqueles que excluem de suas pesquisas os sentimentos, significados, intenções, valores, enfim as experiências dos homens que criam, atuam e vivem no espaço, o que se contrapõe aos positivistas que falam de um mundo sem homens ou contados aos montes como gado, ou meramente transformados em números.

O humanismo simplificadaamente pode ser definido como uma visão do que o homem é e pode fazer. Anterior ao positivismo, o humanismo só foi incorporado à Geografia nas últimas duas décadas. Com efeito, algumas idéias humanísticas podem ser observadas nos escritos de Vidal de La Blache ou Sauer (Yamano, 1989, p. 71) ou ainda mais remotamente em William Whewell (1847), talvez o primeiro geógrafo fenomenólogo (Dartigues, 1971, p. 12). Relph, entre outros, recorda o livro de Eric Dardel (*L'homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique*, publicado em 1952), "a descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia" (Relph, 1979, p. 2). Para alguns outros estudiosos, o marco inicial do humanismo em Geografia seria o texto de Lowenthal (1985), publicado, originalmente, em 1961. Todavia, parece mais coerente, devido ao fato de Lowenthal não ter explicitado os fundamentos filosóficos, acompanhar os geógrafos que priorizam outros textos como inaugurando, nos anos 70, a perspectiva humanística em Geografia.

A palavra humanística apareceu primeiramente, na Geografia, no texto *China* de Yi-fu Tuan, editado em 1967 (Yamano, 1989, p. 71). Seguiram-se os esforços de Relph (1970) e Yi-fu Tuan (1971) em trabalhar com a fenomenologia.<sup>3</sup> No ano de 1974, a então freira Annette Buttimer lança o seu célebre ensaio *Values in Geography* focalizando os valores das experiências humanas, diferentemente dos estudos geográficos empreendidos até essa época. Entre-

tanto, é somente em 1976 que o termo *Humanistic Geography* — título de um ensaio de Yi-fu Tuan, publicado em *Annals of the Association of American Geographers* (66) — é definitivamente reconhecido. No mesmo número são igualmente editados os artigos de Entrikin (*Contemporary Humanism in Geography*) e outro de Buttimer, traduzido para o português em 1985, sob o título *Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido*. Nesse período, Guelke já havia lançado — nos Estados Unidos e Canadá, em 1974, e no Brasil, em 1977 — o artigo voltado para a *Alternativa Idealista em Geografia*. E no ano de 1978 uma coletânea de ensaios humanísticos é organizada por David Ley e M. Samuels na obra *Humanistic Geography: Prospects and Problems*. A partir de então é farta a produção sobre esta vertente, no hemisfério norte.

### O ATAQUE DOS GEÓGRAFOS HUMANÍSTICOS ÀS GEOGRAFIAS (POSITIVISTAS) DA PERCEPÇÃO E DO COMPORTAMENTO

A rigor, em um texto humanístico não haveria necessidade de se estabelecer comentários a respeito das geografias da percepção e do comportamento. Entretanto, no Brasil, a Geografia humanística continua sendo estranhamente confundida com as tendências positivistas acima mencionadas. É possível que tal engano se deva ao fato de que alguns geógrafos egressos da percepção do meio ambiente tenham, mais tarde, optado pela corrente humanística. De todo modo, e resumidamente, são as seguintes as diferenças e divergências entre essas perspectivas.

A maioria dos profissionais e estudantes brasileiros não sabe distinguir, de um lado, as geografias da percepção e do comportamento e, de outro, o antipositivismo da Geografia humanística. Em outras palavras, confundem a teoria da percepção — que segundo Milton Santos (1978, p. 69) é "incompleta, senão inútil" e ainda o behaviorismo ou o neobehaviorismo da Geografia

<sup>3</sup> Relph, Edward — An Inquiry into the Relations between Phenomenology and Geography. *Canadian Geographers*, 14, 193-201, 1970 e Yi-Fu Tuan Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature. *Canadian Geographer*, 15, 181-192, 1971.

comportamental — com os suportes filosóficos do enfoque humanístico, tais como fenomenologia, existencialismo, idealismo, hermenêutica, etc. Nos livros estrangeiros esses equívocos não ocorrem e as geografias marxista e humanística são classificadas como geografias radicais (Capel, 1981; García Ramón, 1985; Jackson e Smith 1984; Wamsley e Lewis, 1984, entre outros), por terem rompido com o positivismo. Afora esses livros, os artigos e obras internacionais, especializados em Geografia humanística, são igualmente felizes nessas referências e a respeito de seu caráter antipositivista (Alvarez, 1982, Buttimer, 1985; Ley, 1981B, Sanguin, 1981; Seamon, 1980; Relph, 1976). Todavia, no Brasil, mesmo em obras de geógrafos renomados como Manuel Correia de Andrade (1987) o erro persiste. O autor, em sua revisão sobre a evolução do pensamento geográfico, mesmo sabendo das críticas dirigidas aos positivistas das geografias da percepção e do comportamento, não difere estas tendências da abordagem humanística, tratando-as como “áreas de trabalho”, (p. 114) de uma mesma corrente. Ora, a orientação humanística surge justamente como reação ao positivismo, que dissocia o sujeito do objeto, contra os estímulos-respostas da perspectiva comportamental e as teorias que não dão conta do mundo. A escola humanística critica a nova Geografia — muitas vezes seguida pelos geógrafos da percepção e do comportamento, com seus métodos quantitativos — e é uma alternativa para os estudiosos das relações homem-meio, por introduzir no saber geográfico, o ser humano que produz, vive e conhece o espaço, interpretando a riqueza dos seus valores e experiências. Como apontou Buttimer (1985a, p. 175) a percepção nem sempre coincide com a compreensão. Desta forma os fenomenólogos proclamam um retorno à experiência direta das relações corpo-sujeito e o mundo, como reciprocamente determinantes um do outro, não tratando o corpo como algo separado do “mundo exterior”.

A percepção do meio ambiente, como prefere uma de suas seguidoras (Lívia de

Oliveira),<sup>4</sup> e não Geografia de percepção, foi inicialmente trabalhada, nos Estados Unidos, mais precisamente em Chicago, na década de 70, entre geógrafos, urbanistas e outros especialistas do desenho urbano (Capel, 1973, p. 59). Os positivistas da percepção do meio ambiente estavam (e continuam) empenhados em conhecer as preferências e azares ambientais, percepções e cognições espaciais, além de fornecerem, entre outras, uma importante contribuição à Geografia desenvolvendo o conceito de imagens e mapas mentais.

Os estudiosos dos mapas mentais, entre eles Peter Gould (1982, p. 480), estão interessados em conhecer os mecanismos cerebrais, a maneira como as pessoas adquirem e utilizam os mapas cognitivos, ou seja, as representações que estabelecem relações e conexões espaciais para o desenrolar dos trajetos. Tais pesquisadores, que separam o sujeito do objeto, em muitas oportunidades, submetem os dados a uma análise fatorial para a avaliação das preferências ambientais ou a manifestação de repulsa.

O mapa mental, um apanhado prático da paisagem, é sempre fragmentado e grosseiro. A imagem mental nunca é total, exata, mas sempre segmentada, embora, por vezes rica em detalhes. Para o indivíduo trafegar com desenvoltura basta um conjunto de referências retido na memória, resultante do reconhecimento da paisagem e das necessidades do dia-a-dia. Quando uma pessoa precisa se deslocar para algum local recorre à imagem mental, selecionando os pontos mais importantes e eliminando aqueles tidos como desnecessários. Esse processo “fotográfico” é utilizado para minimizar os custos físicos, temporais ou monetários dos percursos, o que permite ao indivíduo traçar suas rotas mais velozmente, exceto se, por exemplo, o itinerário mais rápido fizer parte de um roteiro a ser evitado por algum temor ou mesmo ausência de beleza.

Em sua obra *A Imagem da Cidade* (1980) — editada em 1960, nos Estados Unidos — o arquiteto Kevin Lynch constata, igualmente, que a apreensão dos objetos é parcial e segmentada. Na imagem mental falta “coesão e continuidade, nem tudo é apreendido,

<sup>4</sup> Conforme comentário da professora Lívia de Oliveira em aulas ministradas no Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 1987.

há lacunas, falhas naquilo que é retido" (Claval, 1983, p. 249). Essas evidências são alguns dos motivos apresentados pelos críticos das imagens mentais, já que, para eles, além da fragmentação, os mapas mentais — transpostos para o papel, areia, etc. —, não correspondem à realidade. Seus defensores respondem que também os mapas cartográficos são sumários das paisagens, com suas características dominantes, por vezes, atípicas. Para os geógrafos da percepção e do comportamento, o mapa mental é uma representação do real, do que fora apreendido e registrado. Para essas perspectivas as imagens são reproduções guardadas na memória e não um produto da consciência. É exatamente neste ponto que os filósofos discordam dos pressupostos da psicologia clássica. Para esta, a consciência abriga imagens ou representações dos objetos que afetam os sentidos (Penha, 1989, p. 30). "É como se os objetos que se encontram no mundo exterior penetrassem na consciência e aí permanecessem sob a forma de imagens. Husserl se insurge contra tal concepção, pois aceitá-la significa reduzir a consciência à mera passividade, quando, na verdade, ela é liberdade, portanto, ativa, cabendo-lhe, por isso mesmo, dar um sentido às coisas" (Penha, 1989, p. 30).

Um outro aspecto a ser considerado, nos estudos perceptivos e comportamentais, diz respeito à dificuldade de discernir entre cognição e percepção. No seio da Geografia tal distinção é ainda mais nebulosa, segundo Jackson e Smith (1984, p. 23). A mesma dupla de geógrafos, citando Gold, prossegue: cognição é o termo relativo ao processo psicológico por onde os seres humanos obtêm, guardam, usam e operam a informação. Cognição inclui diversos processos como sentir, perceber, lembrar, imaginar, julgar e decidir. Percepção se refere a uma função psicológica que habilita os indivíduos a converter os estímulos sensoriais em noções organizadas e coerentes.

Para os apóstolos da percepção o conhecimento do mundo, "espaço-objetivo", se dá por intermédio dos sentidos (visão, tato, audição, olfato). Teorias como da Gestalt e os estudos de Piaget, a respeito do aprendizado espacial das crianças, têm servido de apoio a diversas pesquisas sobre a percep-

ção espacial do homem concretizada através dos órgãos sensoriais. No Brasil, na linha da percepção do meio ambiente, destacam-se as diversas pesquisas capitaneadas por Livia de Oliveira e seus alunos nos cursos de pós-graduação da UNESP, em Rio Claro.

Finalizando o confronto de idéias entre essas posturas, vale repetir ainda que os especialistas da percepção e do comportamento estão muito interessados na materialidade, estando ausentes em seus estudos as sutilezas e significados do mundo experienciado no dia-a-dia. No entender dos geógrafos humanísticos o behaviorismo e o neobehaviorismo, que influenciam uma corrente de geógrafos desde os anos 70, pouco contribuem para um saber mais atuante que entenda as relações homem-meio. Mecanicistas, reduzindo o comportamento dos seres humanos a estímulos e respostas, as tendências comportamentais não se prestam adequadamente ao estudo do mundo vivido até porque os behavioristas pesquisam as condições de adaptação do homem ao ambiente, sustentando que para isso o ser humano está condicionado por estímulos. Uma das restrições dos fenomenólogos aos behavioristas diz respeito à exterioridade para estudar a situação do homem divergindo da posição fenomenológica com o ser e o mundo estranhados, como parte de um todo. Uma outra crítica se refere ao limitado raio de ação ou à microescala de suas pesquisas. Pode-se dizer ainda que o psicologismo positivista, ao imitar as ciências naturais, destrói as relações e os aspectos do mundo da experiência, pois os estudos comportamentais e cognitivos (Wamsley e Lewis, 1984, p. 161 citando Buttimer) fazem distinções artificiais entre sujeitos, objetos e meio ambiente. Geógrafos humanísticos como Buttimer (1985), Seamon (1980) e Ley (1981b) atacam os behavioristas porque estes não consideram processos experienciais como emoções, pois são fenômenos imprecisos e só precisos ou inerentes ao sujeito. Os behavioristas estudam o que a pessoa faz e não o que ela experiencia (Seamon, 1980, p. 150). Para os behavioristas o corpo é uma coleção de respostas passivas que só pode reagir (Seamon, 1980, p. 156) mediante estímulos. Baseada

em explanação naturalista, a consciência é entendida como sendo um produto de fatos externos. Alguns behavioristas dispensam até mesmo os atributos da mente, tais como escolha, pensamento, emoção (Ley, 1981 b, p. 213). Para esses behavioristas "as categorias da mente não existem", sublinha o geógrafo humanístico David Ley (1981b, p. 215).

### **GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: POSTURAS, QUERELAS E CONTRIBUIÇÕES DE UMA ABORDAGEM PÓS-POSITIVISTA**

Desde o pós-guerra proliferam, no bojo das intensas mudanças ocorridas no seio da Geografia, algumas perspectivas que, embora discordantes entre si, contribuem sobejamente para o enriquecimento deste saber. A corrente humanística é uma dessas tendências que, surgindo nos anos 70, procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido, trabalhando, para tanto, com os valores e sentimentos dos seres humanos, justo o oposto das perspectivas positivistas que não pretendem ou tampouco conseguem explicar o mundo vivido, com suas leis e teorias mecanicistas, acaba das e abstratas.

O movimento humanístico resgata o homem e o trata com todos os seus atributos, situando-o no centro de todas as coisas como produtor e produto de seu próprio mundo (Alvarez, 1982, p. 16, citando Ley e Samuels) e assim estuda o(s) mundo(s) habitado(s), logo experienciado(s) por homens e não um mundo hipotético. Desta maneira busca tomar consciência da própria existência de cada um, em relação ao mundo, discordando da sistematização do pensamento humano e a tendência em reduzir o mundo a leis, rejeitando testes hipotéticos, teorias desenvolvimentistas, modelos, medidas e técnicas de laboratório (Sanguin, 1981, p. 563). Interpretativa, portanto reflexiva, esta vertente reconhece a riqueza do pensamento humano, transcendendo a concepção naturalista da ciência, não estando, por conseguinte, confinada a empreender estudos pautados somente no saber acumulado por um especialista.

A maioria das abordagens geográficas ignora o conhecimento humano. Ao contrário, o humanismo rechaça a idéia de um mundo preciso, sem contornos e destituído de significados, procurando compreender a consciência humana acerca dos fenômenos geográficos, tendo em vista que "todo conhecimento provém do mundo da experiência e não pode ser independente do mesmo" (García Ramón, 1985, p. 220). A corrente humanística, rebatendo as ciências tecnocráticas e quantitativas, com seus enfoques mecanicistas, objetivos e abstratos, procura analisar a relação empática do ser. Em contraponto, nos modelos e teorias positivistas, o cenário da ordem social é dirigido pela racionalidade. Crises e conflitos são contidos, as estruturas técnicas controladas e as necessidades individuais bem como a conduta acomodadas através de mecanismos bem programados (Buttimer, 1979, p. 19, citando Bell e Toffler). Como aponta Stephan Tyler, mencionado por Roberto Cardoso de Oliveira (1988, p. 31), "o pensamento científico não é senão um modo arcaico de consciência"; conseqüentemente, o reducionismo científico, com a métrica estéril da matemática ou da física, não capta a beleza, a fragância e o ritmo dos lugares (Buttimer, 1985b, p. 227) e assim mascara ou minimiza a dinâmica do mundo vivido. O positivismo como método de análise separa o observador daquilo que está estudando, conseqüentemente falha ao observar a experiência vivida (Johnston, 1986b, p. 214, remetendo-se a Buttimer). O mundo simples e "certinho" dos positivistas difere do(s) mundo(s) vivido(s) analisados pelos humanísticos, atentos aos valores e ambivalências dos seres humanos, que não são máquinas. Nos estudos humanísticos há uma troca constante entre pesquisado e pesquisador, este diferente dos sábios fechados em suas redomas de conhecimentos (e teorias), imerso e inserido nas experiências investigadas, adotando uma filosofia crítica e refletida, com vistas a aclarar a consciência espacial dos seres humanos.

As geografias humanística e marxista são perspectivas radicais em razão do ataque às raízes positivistas (Jackson e Smith, 1985, p. 12), mas divergem acirradamente em vá-

rias questões. Para os geógrafos humanísticos, de acordo com o filósofo Husserl "consciência e fenômeno não existem separados um do outro" (Penha, 1989, p. 32). A consciência é o próprio indivíduo, resultado de sua interpretação pessoal — que reflete na sociedade — fruto da experiência de vida, com seus valores, atitudes, pensamentos e os significados dos fenômenos (Cook, 1985, p. 255). Os geógrafos marxistas — em sentido inverso — estudam a classe social da pessoa e acreditam que a situação da sociedade projeta-se no indivíduo, formando uma falsa consciência em razão dos fluxos de informações, do mascaramento da realidade e da absorção da ideologia imposta pela classe dominante (Cook, 1985, p. 255). Para os seguidores do materialismo histórico, a realidade não é apreendida pelos homens em sua essência porque "é a vida que determina a consciência e não o contrário" (Armando Corrêa da Silva, 1988, p. 53). Para o enfoque humanístico, a vertente marxista elabora um mundo mecanicista, econômico e racionalista em que tudo está previsto e o papel do homem é nulo (Alvarez, 1982, p. 17); ademais, o materialismo histórico de Marx é extremamente conservador e preso aos ditames da economia política (Alvarez, 1982, p. 17, citando Ley). O humanismo volta-se igualmente contra os preceitos marxistas que reduzem o agente humano a um *status* passivo da estrutura econômica (Ley, 1982, p. 249), discordando da redução do mundo a um objeto movido por "processos históricos", que não são pessoas, mas sim abstrações (Alvarez, 1982, p. 18). No confronto de idéias entre essas correntes, pode-se salientar, ainda, que os geógrafos humanísticos são criticados por colocar a ação antes da estrutura, e a cultura antes da economia (Jackson e Smith, 1984, p. 59). Mas as maiores críticas dirigidas à orientação humanística referem-se ao julgamento da exagerada ênfase do indivíduo. Considerar as noções particulares como isoladas, vulgares, desprezíveis é um erro de avaliação. A vertente humanística privilegia o indivíduo, centrada no ego. O ser ou o "eu", em suas relações conscientes (parte e), imbricado com o mundo, entendido como sujeito e objeto intrinsecamente ligados, na medida em

que o homem interioriza, compreende e se afeiçoa pelo mundo vivido.

O homem, que não vive segregado, é bombardeado por informações múltiplas, pela tecnociência, os meios de comunicação e pode ser visto como uma simbiose de símbolos, signos e significados que são compartilhados com os grupos e as classes sociais.

Os princípios fenomenológicos defendem que cada indivíduo constrói o seu próprio mundo (Wagner, 1979, p. 17), mas ao mesmo tempo postulam que existem mundos comuns a todos, onde os significados são raros e completamente privados, e sim divididos e reforçados pela ação dos grupos sociais (Ley, 1979, p. 225). A "experiência dividida" (Jackson e Smith, 1984, p. 20), ou o intermundo, de acordo com o filósofo Merleau-Ponty, é do "diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, em termos de herança sócio-cultural, e o papel assumido no mundo vivido de cada dia" (Buttimer, 1985, p. 168). Mundos individuais e o intermundo se completam. Pessoas com idêntico padrão de renda, que falam o mesmo idioma e cultuam hábitos semelhantes, possuem mundos íntimos e coletivos, conscientizados, de um lado, de maneira introspectiva e, de outro, correspondidos na comunidade. Pensar somente em um mundo único, descarta qualquer fantasia ou os pontos remotos, desconhecidos e das fugas elaboradas pela mente humana, sempre fértil em erigir mundos fantásticos ou mesmo abomináveis. A ilusão, o sonho e até o pesadelo anestésiam, aterrorizam (ou alienam), mas são elementos integrantes da vida do ser humano, que assim foge às desesperanças.

O homem a cada dia se aventura, transporta obstáculos, armazena novos conhecimentos ou seleciona novos aspectos, aprendendo e apreendendo o seu mundo vivido. Esta consciência criativa, que traduz e conhece o mundo vivido, a partir das relações banais do cotidiano, é, como observa Bachelard (1978, p. 186), o espírito ou a alma dos lugares.

Para a filosofia, o conhecimento é uma forma de apropriação do mundo criado pelo ser humano, a partir de sua cultura, do acer-

vo que lhe é legado na experiência repetida. Na heterogeneidade e complexidade das constantes e rápidas transformações ocorridas no seio da sociedade mundial, as teorias, leis e modelos são simplificações que não conseguem fazer uma análise holística das relações homem-meio. Para decifrar essas rupturas, alterações bruscas, o contraditório, o múltiplo e o aleatório, as filosofias têm servido de subsídio à Geografia, à Antropologia e a outros campos do saber. Senão, conforme indagações de um dos pensadores do pós-moderno (Jair Ferreira dos Santos, 1988, p. 73) — que utiliza em suas pesquisas antropológicas a filosofia hermenêutica —, como enfrentar e entender a contemporaneidade das sociedades pós-industriais, baseadas na informação? Como falar da imagem tão cultuada pelos indivíduos, o niilismo, o nada, até talvez a ausência ou transformações de valores e sentido de vida? Como interpretar a tecnociência que invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferecendo qualquer valor além do consumismo? Evidentemente que a parafernália do pós-modernismo (cartões magnéticos, computadores, vídeos, *shopping centers*, etc.) não é acessível a todos os seres, ou em qualquer ponto, principalmente em um país subdesenvolvido, como o Brasil. Mas não resta dúvida que, esses estilos de vida, surpreendem e se manifestam a todo instante. As teorias mecanicistas estariam prontas (e ainda serviriam) para dar conta dessa emergência?

A Geografia humanística, rompendo com o tradicionalismo, estuda, pode-se aqui dizer (também), o pós-modernismo que tem sido objeto de preocupação de estudiosos como Jair Ferreira dos Santos (1988), Peixoto e Olalguiaga (1988) e Sevcenko (1988), no âmbito da Antropologia, e Edward Soja ou David Harvey, na Geografia.<sup>5</sup> Pós-modernismo — surgido na segunda metade do século, deixando a modernidade (1900-1950) para trás — é o conceito relativo à pluralidade de mudanças ocorridas no seio das ciências e das sociedades avançadas. É a sociedade de consumo, do “vale tudo” cotidiano, do prazer desenfreado, do

conforto, multiplicidade e disponibilidade de bens e serviços.

O geógrafo humanístico, apoiando-se em seu estilo novo e forma diferente de meditação, ao trabalhar com a individualidade, o intermundo e a historicidade, que soluções e contribuições pode oferecer à sociedade e ao planejamento? Este especialista responde, para minimizar o sofrimento das pessoas, unicamente sustentado no saber dos indivíduos e grupos sociais. Nada prevê ou pressupõe, entendendo que o espaço produzido é fruto da ação física e/ou intelectual do homem. Sendo assim, recorre à sabedoria popular para então participar de modificação dos espaços e lugares. Como se sabe, os planejadores fechados em seus gabinetes parecem ignorar detalhes mínimos enfrentados pelo povo em sua vida cotidiana. O traçado dos caminhos nos parques e jardins é riscado sem consulta aos populares. Assim, nos desafios do dia-a-dia, o povo não obedece aos caminhos aprontados pelas políticas públicas, passando a redesenhar as trilhas em diagonal, ou veredas ligeiramente tortas, com os próprios pés, uma maneira simples, eficiente e cômoda de cortar caminho, para chegar mais rápido ao destino. Este simples fato representa a galeria de exemplos na qual o geógrafo humanístico pode atuar para a construção de um espaço mais humanizado.

As pesquisas humanísticas, em uma análise apressada, podem aparentar romantismo e individualismo supérfluos para as ciências sociais. Todavia, vale reforçar, “é poeticamente que o homem habita” (Ladrière, 1979, p. 164, citando Höderlin). A poesia está no estilo das construções, nas praças, nas montanhas, nos terrenos vazios, no corre-corre diário, na pessoa envolvida em seus afazeres ou nas ondas do mar. As idéias a respeito do espaço brotam dos seres humanos, não somente com relação aos laços de afetividade que os unem aos lugares, mas, sim, desde os aspectos mais banais do cotidiano — como o buraco da rua, que serve como marco de referência e identidade — até a dimensão dos conflitos sócio-espaciais.

<sup>5</sup> Harvey, David (1988) *The Post-modern geographies* e Soja, Edward (1987) *What's new? A review essay on the postmodernization of geography*, *Annals of Association of American Geographers*, 77, p. 289-293.

## FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO, IDEALISMO E HERMENÊUTICA: OS SUPORTES FILOSÓFICOS DA PERSPECTIVA HUMANÍSTICA

A Geografia humanística — discordando da idéia de que os estudos humanos devam ser baseados nas ciências positivistas — busca entender as relações homem-meio apoiando-se em uma rede de tendências filosóficas que inclui a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica. Outros movimentos filosóficos têm sido menos utilizados como, por exemplo, o humanismo marxista, trabalhado por Derek Gregory,<sup>6</sup> interessado em estabelecer uma conexão entre duas escolas do pensamento e para tanto articulando explicitamente o papel da ação humana e a estrutura social (Jackson e Smith, 1984, p. 59).

A fenomenologia é a filosofia presente em um número maior de estudos humanísticos em Geografia. Seu criador, o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), critica as teorias científicas, particularmente as de inspiração positivista, excessivamente apegadas à objetividade e à crença de que a realidade se reduz àquilo que se percebe pelos sentidos (Penha, 1989, p. 28). Vale recordar que o vocábulo teoria não possui a mesma acepção na Filosofia e nas ciências. Na filosofia, teoria (do grego) tem o sentido de contemplação. As teorias do ser de Heidegger ou da emoção de Sartre não são “receitas de bolo” como as teorias (do latim) das ciências positivistas. A estas, os filósofos se opõem de maneira contundente.

Etimologicamente, fenomenologia é o estudo do fenômeno. Para Husserl, “o sentido do ser e do fenômeno não podem ser dissociados” (Dartigues, 1971, p. 13), pois a consciência só pode ser assim entendida quando dirigida para um objeto e este “só pode ser definido em sua relação com a consciência” (Dartigues, 1971, p. 13), sendo, portanto, objeto para um sujeito. Coisa experienciada e sujeito experienciando, fun-

didados na realidade, mas analiticamente distinguíveis, são traços de intencionalidade, princípio caro nos tratados de fenomenologia (Relph, 1979, p. 8). “Toda experiência é determinada pelo objeto da intenção do qual é uma consciência” (Suchultz, 1979, p. 58). Assim a fenomenologia analisa a dinâmica que fornece aos objetos sentido e significado. O objeto é sempre objeto para uma consciência e “consciência de alguma coisa” (Dartigues, 1971, p. 13), caso contrário não existe nem consciência, nem objeto. Desse modo a fenomenologia ultrapassa a dicotomia sujeito x objeto inerente às ciências.

A fenomenologia é uma maneira radical de examinar os fenômenos da consciência ou experiência (Relph, 1981b, p. 102). Os fenomenologistas buscam a evidência, os fatos como são produzidos e assim investigam os atos da consciência sobre o mundo vivido. Em oposição, os cientistas examinam um mundo exterior que está à espera do estudioso, que classifica e explica os fenômenos postulados *a priori* (Buttimer, 1985, p. 169). A fenomenologia interpreta a apreensão das essências através da experiência vivida, aplicada e adquirida pelo indivíduo e não se detém ou distingue o objeto ou o sujeito, sendo uma filosofia da experiência.

Por muito tempo os geógrafos excluíram de suas abordagens os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento e agradabilidade ou os elos entre as pessoas e o meio ambiente (topofilia), o pavor (topofobia), a fixação aos espaços e lugares e as experiências cotidianas. A fenomenologia, considerando esses atributos, serve de via a esses especialistas, com vistas ao entendimento do mundo vivido, pois — diferentemente da ciência que omite as questões da vida — não trata o mundo independente dos seres humanos (Relph, 1981a, p. 101).

A noção de *dwelling*, desenvolvida pelo filósofo Heidegger, refere-se ao viver harmoniosamente no lugar ou sentir-se em casa, tanto social, ecológica como espiritualmente. Contudo, foi Schultz quem se dedicou mais intensamente aos estudos do

<sup>6</sup> Sobre o humanismo marxista ver, entre outros, Gregory, Derek (1982) *Human Agency and Human Geography*, transactions of the Institute of British Geographers, New Series 6 p. 1-18 e Kolakoussiki, L. (1978) *Main Currents of Marxism* (Oxford) volume 1, p. 409-412.

mundo vivido (*Life-world*). Com respaldo no mundo vivido, o geógrafo pode entender como nasce a magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial, a distinção de diferentes pontos da cidade, o encantamento, o esnobismo, o desprezo, a atração, o consumo, a deteriorização e o que é típico dos lugares (Christofolletti, 1985, p. 23). O mundo vivido é a consciência e o meio ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambigüidades, envoltimentos, valores e significados, "o qual compreende os seres humanos com toda ação e interesse humanos, trabalhos e sofrimentos" (Relph, 1979, p. 6 citando Husserl).

O mundo vivido de cada um já existia antes do nascimento da pessoa, que vivencia e interpreta o "seu" mundo vivido, a partir de valores e estoques de experiências próprios e de outros indivíduos, que lhe transmitem conhecimentos do passado e do presente e que permitem antecipar, de certa maneira, o futuro. O intermundo é o mundo comum a diferentes pessoas, cenário, objeto das ações e das interações dos seres humanos. O mundo vivido continuamente experienciado é modificado pelas ações do homem, que também modifica as suas ações (Schultz, 1979, p. 73). Já o estoque de experiências é um enriquecimento cotidiano prático e teórico, que fornece ao homem elementos para agir e pensar. Mas este conhecimento não é homogêneo e sim incoerente, parcial, contraditório e ambíguo (Schultz, 1979, p. 75). A maior parte do conhecimento do mundo é recebido pela cultura (formal e informal) e completada pela experiência pessoal (Schultz, 1979, p. 96), o que gera intimidade e afetividade pelo lugar vivido.

O existencialismo, um outro movimento filosófico trabalhado pelos geógrafos humanísticos, está tão intimamente associado à fenomenologia, que alguns geógrafos encontram dificuldade em separá-los (Johnston, 1986b, p. 217, citando Entrikin). A diferença básica se remete à primazia da essência na fenomenologia — a atribuição de significados resulta da existência da consciência —, enquanto para os existencialistas o ser vem antes da essência, ou "o ho-

mem faz a si mesmo" (Johnston, 1986a, p. 217).

A doutrina filosófica existencialista surge após a experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, mas procede, em linha direta, da meditação religiosa e do rigor literário do pensador dinamarquês Sören A. Kierkegaard (1813-1855) (Penha, 1989, p. 7 e 15) que viveu obcecado entre o fervor religioso e os prazeres do pecado.

No existencialismo o homem é livre para fazer o que bem entender. Por ser considerado amoral, corrupto e adepto dos prazeres mais degradantes, este movimento filosófico passou a ser identificado pela opinião pública como algo depravado, promíscuo e promotor de orgias, logo avesso às normas vigentes. Para o principal pensador da filosofia da existência (moderna), Jean Paul-Sartre (1905-1980), a vida é passageira, fugaz e as sensações vividas não se repetem, estando o homem livre para viver ao sabor dos impulsos e à entrega dos prazeres. Por isso mesmo Sartre foi violentamente criticado seja pelo filósofo Henri Lefèbvre, seja pelo pensador brasileiro Tristão de Athayde para quem "Sartre sem dúvida é detestável" ou por Jacques Maritain (1882-1973), filósofo católico que classificou a filosofia de Sartre como uma "mística do inferno" (Penha, 1989, p. 9). Os ataques sofridos por esta doutrina filosófica, identificada com um estilo de vida anormal, rebaixaram-na, durante algum tempo, tão-somente à simples categoria de comportamento.

O existencialismo fundamentalmente é uma perspectiva sobre a qualidade e significados da vida humana no mundo vivido (Buttimer, 1979, p. 19 citando Jasper e Spiegeberg), na qual "o homem singular vale mais do que a espécie" (Penha, 1989, p. 22).

A primeira tarefa do método existencial (Samuels, 1981, p. 124 citando Sartre) é não estabelecer leis empíricas, nem constituir um método universal, mas sim redescobrir a cada pegada um símbolo, no caso particular, no qual algum sujeito é considerado. Esses símbolos particulares conduzirão a símbolos coletivos. Cada "geografia existencial" (Samuels, 1981, p. 131) é criada pelos atos livres dos agentes humanos.

Seus valores advêm da própria existência e das relações entre os indivíduos e o mundo da coletividade.

O existencialista Sartre — a exemplo do fenomenologista Husserl — “não concebe a consciência como uma espécie de recipiente onde estariam depositadas as imagens e representações dos objetos. A consciência, ao mesmo tempo, não está contida no mundo das coisas — ela está no mundo” (Penna, 1989, p. 79). O movimento existencialista é, por um lado, um esforço para restaurar a concreta e imediata experiência da existência para o reino do conhecimento e, por outro lado, constrói uma ponte na lacuna que separa o subjetivo do objetivo, idealismo e materialismo, essência e existência (Samuels, 1981, p. 115). Na mensagem central de Sartre (mencionado por Samuels, 1981, p. 115) a existência procede a essência, ou seja, o homem vem primeiro de tudo que existe, encontra a si próprio e define-se mais tarde, livre e responsável para fazer o que bem entender.

A visão idealista — alicerçada no sistema de idéias para explicar qualquer fenômeno geográfico (Harvey e Holly, 1981, p. 37) — é uma outra vertente da Geografia humanística. Para o idealista, que respeita os contextos culturais das regiões e países pesquisados, o mundo só pode ser conhecido através das idéias, sendo este conhecimento baseado na experiência do mundo. Alguns geógrafos idealistas, contudo, não negligenciam as condições materiais da existência humana, mas insistem que significados e sentidos são obtidos em termos de desejos e idéias (Guelke, 1981, p. 138).

Uma primeira meta dos geógrafos idealistas é elucidar o significado da atividade humana em seu contexto cultural, tendo em vista que os eventos e fenômenos do mundo adquirem significância e significado para os indivíduos e grupos em termos de idéias e teorias (Guelke, 1981, p. 139). O geógrafo idealista condena a descrição do mundo em termos de leis e teorias prontas, até porque a filosofia idealista capacita o pesquisador a explicar as ações humanas, de uma maneira crítica, sem o emprego de teorias. De acordo com Guelke (1977, p. 49) o homem “é um animal teórico cujas ações

são baseadas no entendimento teórico de sua situação”.

Na filosofia idealista de explanação — contrapondo a postura dos positivistas, que precisam de leis e teorias para ajustar os dados pesquisados —, a necessidade da teoria é negada sem implicar a aceitação de uma abordagem descritiva não analítica (Guelke, 1977, p. 36). O enfoque idealista, visando a compreender o pensamento que jaz a respeito da paisagem cultural, está diretamente interessado na existência humana. Para os geógrafos idealistas como Guelke, as idéias dos seres humanos são teorias. O homem teoriza sobre os fenômenos do mundo e vive paixões, desejos e medos. Tais teorias são inferidas a partir de dados observáveis. Guelke (1977, p. 39, citando Popper) lembra que o pavor de uma criança pelo fogo após ter sido queimada se baseia no reconhecimento de uma categoria de fenômeno (fogo) e na postulação de uma conexão entre o fogo e um dano pessoal desagradável. Um único encontro com o fenômeno constitui a base para conjecturas sobre os elementos específicos. Por isso mesmo, Guelke (1981, p. 136) defende que o geógrafo idealista tem como tarefa repensar os pensamentos daqueles cujas ações está investigando, procurando, dessa forma, reconstruir ou entender a lógica da atividade humana.

A hermenêutica, uma outra filosofia do significado, utilizada pelos geógrafos humanísticos, tem como precursor o alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), que adicionou a este movimento filosófico — próximo da fenomenologia de Husserl e Schultz — elementos da importância interpretativa. Para Dilthey, baseado na noção da experiência vivida (um complexo de atos), qualquer coisa para ser entendida precisa de um quadro de referência (Rose, 1981, p. 110). Neste ponto a hermenêutica difere dos princípios das outras filosofias do significado.

Na hermenêutica, como nas demais filosofias, não há separação entre sujeito e objeto. A hermenêutica ou filosofia interpretativa explica os conteúdos da mente, tais como emoções, desejos, vontades, sentimentos e outros aspectos da experiência vivida.

De acordo com Tuan (1985, p. 162) cabe ao geógrafo “esclarecer o significado dos

conceitos, símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar". Ou seja, o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência, ambigüidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente. Por isso mesmo, Rose (1981, p. 115) ressalta que vários geógrafos humanísticos — entre eles Tuan, Buttimer, Lowenthal, Relph —, embora se classifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento hermenêutico de forma inconfundível.

As fronteiras entre fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica não são muito rígidas. Assim, Seamon (1982, p. 120) refere-se à fenomenologia pura de Husserl, a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur e Gadamer ou ainda a fenomenologia existencial de Heidegger e Schultz.

## ESPAÇO, LUGAR E "DESLUGAR" NA ORIENTAÇÃO HUMANÍSTICA

Espaço, lugar, meio ambiente, cenário, paisagem, território, terreno, região, área, centro, local, entre outros, são termos fartamente utilizados na Geografia. A perspectiva humanística tem-se esforçado em disciplinar o uso de, pelo menos, dois desses conceitos: espaços e lugar.

Entre os geógrafos humanísticos há uma diferenciação brutal, com referência a esses conceitos. O espaço, qualquer porção da superfície terrestre, é ampla, desconhecido, temido ou rejeitado. O lugar, recortado afetivamente, emerge da experiência e é um "mundo ordenado e com significado" (Tuan, 1983, p. 65). Assim, o lugar está contido no espaço (ver Figura 1). Já *placelessness* é o neologismo/conceito desenvolvido por Relph (1976) a respeito das paisagens estandarizadas, repetidas, "xerocopiadas", com uniformidade de seqüências, que em espanhol foi traduzido, por García Ramón (1985), como deslocalização e, em português, talvez seja melhor entendido como "deslugar" ou "ausência de lugar".

Cada ser humano possui um mundo somente seu, em contraponto ao mundo único, objetivo das ciências positivistas. Mas

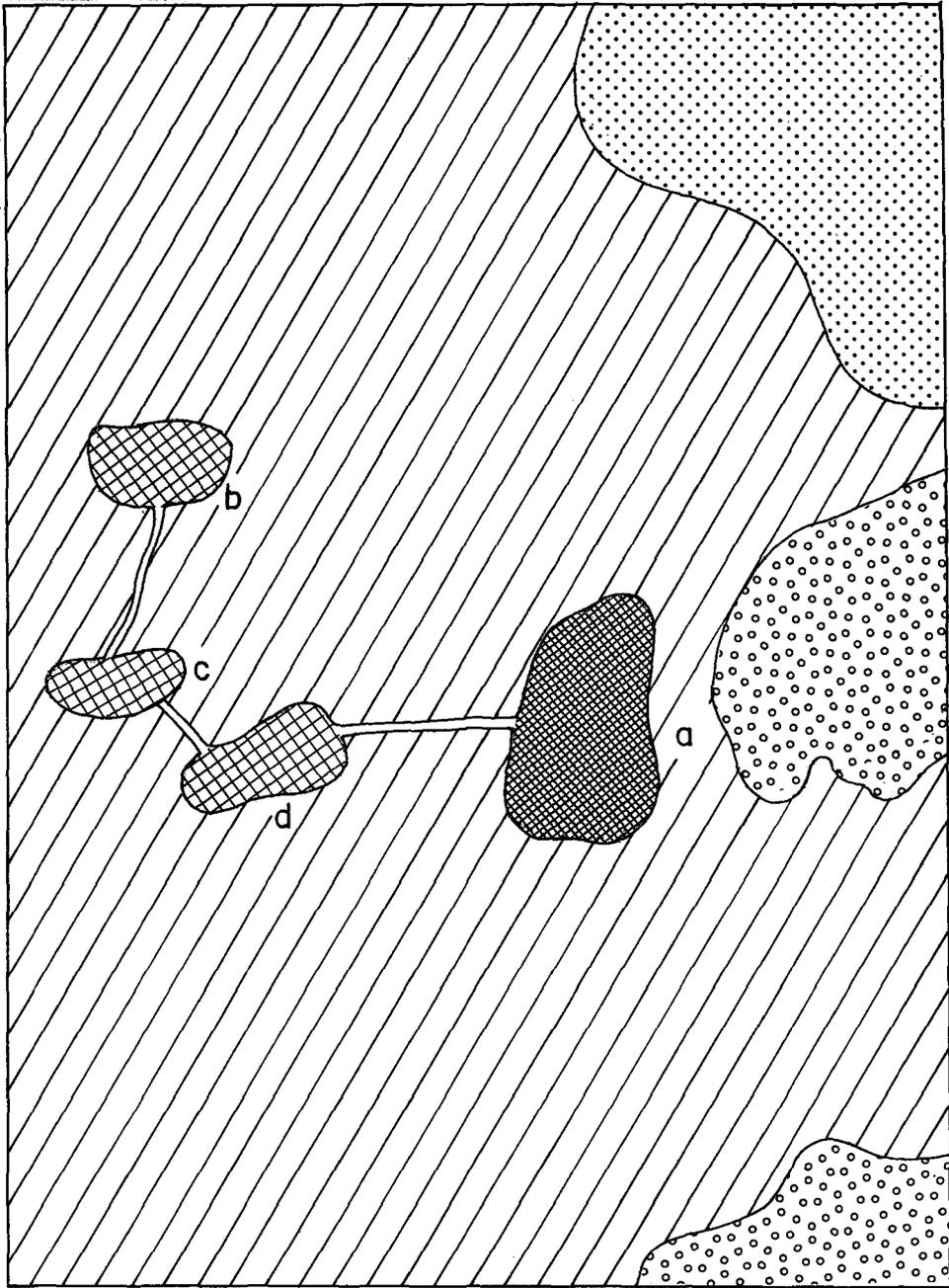
existem, igualmente, os mundos vividos coletivamente, compartilhados pelos grupos e classes sociais.

Os pertences, parentes, amigos e a base territorial experienciada fazem parte do acervo íntimo do indivíduo. Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido a distinção de lugar. As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os "seus", tem uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos. Assim o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas. O bairro, os locais de trabalho, dos encontros e lazer são lugares vividos, bem como os caminhos que conduzem a esses diferentes pontos. A criatividade humana constrói igualmente lugares míticos, terras fantásticas, espécie de paraíso ou eldorado. Locais muito próximos, mas não vividos pessoalmente, podem ser, outrossim, lugares. Os relatados pela imprensa ou conhecidos podem se tornar lugares (concebidos), pois são construídos com o emprego da mente humana e as narrações transmitidas por outrem. Além das fronteiras afetivas/"físicas" e/ou intelectuais encontra-se o espaço (distante — "física" ou mentalmente — estranho e ignorado) (ver Figura 1). Por ser um centro de valor e sentido, o lugar encarna as experiências e aspirações da pessoa, sendo de fundamental importância para a sua identidade (Eyles, 1989, p. 109).

Os geógrafos humanísticos insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade. Para o capitalista o espaço é uma mercadoria destinada ao lucro, um meio de apropriação, controle, troca e ganho. Para o homem comum o espaço, transformado em lugar, nas experiências cotidianas, é "carregado de valores simbólicos" (Frémont, 1980, p. 49), pois dele se nutre, protege e se comunica, como na analogia estabelecida por Frémont (1980, p. 48) e Tuan (1983, p. 30), entre a mãe e o espaço, aquela vista como o primei-

FIGURA 1

O ESPAÇO E O LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA



 ESPAÇO

 LUGAR VIVIDO

a - Bairro  
b - Trabalho  
c - Outros encontros  
d - Lazer

 LIGAÇÕES FÍSICAS/AFETIVAS

 LUGAR CONCEBIDO

 LUGAR MÍTICO

ro espaço, ou melhor, o primeiro refúgio, centro de alimento e apoio, logo, lugar.

As pessoas em suas relações com o meio ambiente combinam amor e ódio, atração e repulsão (Tuan, 1975, p. 17). O espaço é aberto, livre, amplo, vulnerável (Tuan, 1983, p. 61) e provoca medo, ansiedade, desprezo, sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Já o lugar é fechado, íntimo, humanizado (Tuan, 1983, p. 61). Assim, a ternura, a empatia e a permanência interferem, muitas vezes, como já estudado na década de 40, por Walter Firey (1974), ocorrendo a cristalização das paisagens humanizadas.

Espaço e lugar são distintos. Cada qual com individualidades e singularidades. Um local pode ser espaço ou lugar em questão de horas. Os centros das grandes cidades são notabilizados por apresentar de dia uma vida dinâmica, fantástica. O apinhamento populacional, o corre-corre diário e a experiência repetida convertem as áreas centrais das cidades, no horário normal de trabalho, em lugares. A noite e nos finais de semana, os centros são, principalmente depois dos horários das sessões de cinema e teatro, locais de encontro, permanência e vivência de parcelas consideráveis de artistas, homossexuais, boêmios, alcoólatras, prostitutas de ambos os sexos, desocupados, pedintes, etc. Para esta gente, o centro é uma extensão do lar, ou o próprio lar, logo, lugar. Mas para quem percorre esses pontos, de dia, com desembaraço (lugares), os centros das cidades, a noite — desertos ou freqüentados por “pessoas exóticas” — são evitados ou causam aflição, sendo, portanto espaços.

A passagem de lugar para espaço pode ocorrer por motivos de dor ou vergonha. Tuan (1983, p. 155) reporta que Santo Agostinho passou a rejeitar as terras percorridas por ele e seu amigo, quando da morte deste. A simples lembrança dos lugares de então lhe provocava desolação. Da mesma maneira, os pontos de encontros (lugares) dos enamorados, quando do desenlace, causam desamor e desprezo, podendo ser caracterizados como espaços.

O recém-chegado a um local, ou o morador há pouco instalado em um bairro, sente um “estranho no ninho”. O novo bairro é um espaço. Do mesmo modo é a rota percorrida pela primeira vez. Na volta a paisagem começa a se tornar mais familiarizada. Os prédios e as pessoas já não são tão misteriosos, como anteriormente, e o caminho parece que se torna menor. Seu percurso não é mais extenuante. O espaço já é quase lugar. Mas um ou dois trajetos são suficientes para categorizar o espaço como lugar? Segundo Tuan (1983, p. 204), um indivíduo pode se apaixonar à primeira vista por um lugar, tal qual por uma pessoa. Isto é bem possível, tendo em vista que a música, os romances, o cinema, os relatos e a imaginação transformam pontos não experienciados diretamente (espaços) em lugares.

O espaço é o estranho, o que incomoda é a aventura. O lugar é a tranqüilidade, a segurança (Frémont, 1980, p. 50). Tempo e lugar são inseparáveis, por isso se conceituam na Geografia, o espaço-tempo-vivido e os ritmos-temporoespaciais.<sup>7</sup>

Nas grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, diversas vias de comunicação são dotadas de “canteiros”, uma espécie de calçada, construída acima do nível do logradouro, entre as pistas de carros e destinada aos pedestres. Mas, há também, por vezes, apenas duas faixas seletivas, na mesma altura da rua, que demarcam o território de quem está a pé. Enquanto os carros “voam”, nas duas direções, o transeunte transforma, em razão da segurança transitória, aquele local ou território em lugar. Quando o sinal verde é acionado, o homem caminha deixando para trás o seu lugar ocasional.

“Lugar é uma pausa no movimento” (Tuan, 1983, p. 152). Cabe então indagar: seria qualquer pausa um lugar? Um exemplo inusitado, mas corriqueiro, talvez possa ajudar a responder a questão. Uma pessoa, no Rio de Janeiro, cidade carente de banheiros públicos, satisfaz as suas necessidades biológicas no reservado de um bar qualquer. Outras vezes ela retorna e indica, quando solicitada, o local. Seu ato é repetido em

<sup>7</sup> A respeito dos ritmos-temporoespaciais ver Alan R. Pred. “O Modelo ‘temporo-geográfico’ da Sociedade, de Hägerstrand”. In: *Perspectivas da Geografia*, org. Antonio Christofolletti. São Paulo, Difel: 299-318, 1985.

mais uma ou várias oportunidades. Seja como for, o que cabe aqui dizer é que, para ser alçado à categoria de lugar (ainda que passageiro), o local não precisa ser investido de carinho e sim ser apenas um ponto de significação, ainda que por uma única vez.

A cama, a casa, a rua, o bairro e parte da cidade são lugares experienciados diretamente. A cidade e a nação, parcialmente conhecidas, são estimadas por elementos simbólicos, emocionantes, da identidade, do pertencer, da propriedade pela arte ou educação (Tuan, 1985, p. 149). Não se experiencia na totalidade a pátria ou o espaço urbano. Porém, estes símbolos de fraternidade (homem-lugar) são na verdade um único ser. Segundo Frémont (1980, p. 206), os homens não vivem "sobre" ou "na" nação. Os homens são a nação. As conquistas esportivas, as safras agrícolas, os avanços tecnológicos, os concursos de beleza, os festivais de cinema, de música e diversos outros elementos contribuem para estimular o patriotismo e o bairrismo.

A cidade pode ser entendida, em uma análise simples, como um símbolo de união e conagração. Todavia, quando são estudadas as suas diferentes frações, verifica-se que o espaço urbano é extremamente desigual e complexo, não havendo unidades culturais, de renda ou valores. Por isso mesmo surgem, de um lado, em áreas nobres, bairro aprazíveis e condomínios fechados e, de outro, áreas carentes com bairros desprovidos de infra-estrutura urbana, com loteamentos e favelas.

Ao se olhar a cidade como um ponto no mapa, pode-se recordar a analogia estabelecida por Bachelard (1978, p. 296): é a semente que faz a maçã, ainda assim a miniatura da semente é maior do que a grandeza da maçã. O homem não vive completamente a magnitude da cidade ou do País. Mesmo os indivíduos que muito viajam, pelo País afora, conhecem tão-somente fragmentos do Território Nacional. O cidadão vive a intensidade do País, principalmente em sua cidade, melhor dizendo, na experiência do seu universo vivido: os lugares de moradia, trabalho, ócio, etc. Quando colocados no mapa, esses lugares vividos são menores do que sementes e, no entanto, germinam afeição.

Cada ser humano estrutura os seus lugares de acordo com as suas referências residenciais ou dos encontros. O indivíduo tem necessidade de um lugar só seu (Tuan, 1983, p. 36), seja a cadeira de balanço, ou mesmo o cantinho no ônibus para apreciar a paisagem.

A questão da territorialidade é despertada desde a mais tenra idade, no entanto, quando adultas, as pessoas nem sempre procuram aumentar a sua territorialidade (lugar). Algumas permanecem meses ou anos sem se dirigir ao centro da cidade ou não se importam em conhecer o bairro vizinho, tão próximo, quanto distante. Outros indivíduos aproveitam as férias para, na volta, contar aos amigos como são as cidades ou os países visitados, quase sempre "reinos encantados" (lugares míticos).

O lugar é um ninho aconchegante. Pode ser assim conceituado a partir da permanência. Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, "sem vida" ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas, etc. Nas áreas urbanas diversas pessoas preferem a proximidade com a vizinhança habitando em moradas acanhadas, junto dos centros de bens e serviços. Em oposição, os detratores desses lugares costumam pejorativamente chamar os edifícios geminados de "pombais". Outros indivíduos elegem, como locais ideais, a cidade de Brasília ou o bairro nobre da Barra da Tijuca (Rio de Janeiro), com prédios distantes uns dos outros e destinados a quem possua carro particular. Já os críticos das cidades e/ou bairros planejados habitualmente os taxam de frios, distantes e desumanos (espaços).

O local da infância e/ou residência é lugar. Para os de fora pode ser desagradável, sem atrativos, mas é de tal forma rico em significados para quem muito o experiencia, que a pessoa se sente agredida quando alguém faz um comentário depreciativo a respeito do lugar. Assim, o sentido de lugar envolve enraizamento, amizade e simbolismo. "Mundo... é o contexto dentro do qual a consciência é revelada", não é "um mero mundo de fatos e negócios... mas um mun-

do de valores, de bens, um mundo prático" (Buttimer, 1985a, p. 172, citando Husserl).

A maioria dos cientistas fala de um espaço exterior a eles, um palco recipiente onde fatos de diferentes envergaduras acontecem e o homem parece estar suspenso, "fora do lugar". Na perspectiva humanística, o lugar é um trecho da superfície terrestre no qual o homem se completa. Nas palavras de Pocock (1981, p. 337), a simbiótica relação entre homens e meio ambiente, lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares.

Os populares costumemente assim se expressam: "o que eu amo faz parte de mim" ou ainda "este é o meu lugar". À vista disso, o mundo da vida é o ser, sendo a ele inerente. Por conseguinte, sujeito e objeto são inseparáveis, parte integrante do ser, como o ar que se respira. Nas viagens de férias um pedaço da pessoa fica para trás, muito embora, aparentemente, os problemas sejam esquecidos (Tuan, 1983, p. 161). Os lugares de férias são na realidade descanso, pausa nas atribuições do dia-a-dia. No entanto, a volta ao lar é sempre revestida de uma grande emoção. Os artistas e atletas reclamam das viagens incessantes e da estadia em hotéis. Já foi dito e redito que eles não pertencem a todo e qualquer lugar. E ainda que sejam bem recebidos em todo canto, há sempre a referência do lar. Estar longe das raízes (lugar) não contenta as sempre bem-vindas personalidades do *show business* ou mesmo aos cidadãos comuns.

Quando uma pessoa retorna de viagem de uma outra localidade e à medida que o lugar ou lar se aproxima, ela começa a ter a sensibilidade aguçada, em um reencontro seguro e empático consigo mesma, o que demonstra que a sensação de mudança de espaço para lugar é, evidentemente, experienciada por qualquer cidadão. O mesmo tipo de emoção aflora, no dia-a-dia, em maior ou menor grau de intensidade, no espaço urbano de moradia, quando da expectativa de chegada nos bairros vividos. E, assim, igualmente, as vias de trânsito, nas migrações casa-trabalho-lazer-estudo-encontros-casa, de tão repetidamente experienciadas, em alegres ou sofridas aventuras cotidianas e/ou temporárias, trazem "a essên-

cia da noção da casa" (Bachelard, 1978, p. 200). O mundo íntimo e coletivo passa a ser uma espécie de "morada familiar".

A questão da distância "física" não corresponde aos anseios e vivências das pessoas. Alguns locais muito próximos estão afetiva e culturalmente afastados. Outros pontos distantes são vividos pela fantasia, a nostalgia, a lembrança ou o desejo de visitá-los pela primeira ou mais uma vez. Qualquer indivíduo pode viver, simultaneamente, em vários mundos. O pensamento não obedece a fronteiras e as distâncias não são obstáculos. Do lugar (ou mundo) da experiência vivida aos lugares concebidos e/ou míticos (da fantasia, dos sonhos), o ser humano tem a capacidade de transitar em frações de segundo; de modo que, quando rodeado de problemas ou em instantes felizes, o indivíduo espairose caminhando por outros mundos, com o próprio corpo, ou através da imaginação, dos livros, filmes, novelas, jogos, etc.

Os lugares, por outro lado, marcam em definitivo muitas pessoas, que mesmo separadas, ao longo de décadas ou pelo resto da vida, continuam obstinadamente fiéis a eles. Os lugares do passado, carregados de satisfação, reminiscência e felicidade, são transmitidos com saudosismo e sapiência, o que faz com que outras pessoas por eles também se afeiçoem.

Na era pós-moderna a consciência individual tem sido cada vez mais condicionada, selecionada, estereotipada, alienada e modelada pela cultura. A consciência espacial é mediada pela carga de informações que o homem recebe através da educação informal do dia-a-dia, da educação formal das escolas e dos meios de comunicação. A relação dos homens com os lugares tem freqüentemente uma dimensão coletiva e assim os lugares podem ser convertidos em símbolos de experiência comum que fomentam, por exemplo, a unidade e o orgulho patriótico (García Ramón, 1985, p. 221, citando Relph). O lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e bilógicas (buttimer, 1985b, p. 228). Pontos distantes podem ser lugares, como os locais de nascimento de um ente querido ou os descritos pela televisão, música, literatura, cinema. Assim, locais dis-

tantes são amados e reverenciados como emocionalmente próximos.

O homem experiencia locais nomeados por outros e a ele passados, notadamente pela educação informal. Designar com nomes, na tradição judaica, significa ter domínio.<sup>8</sup> O homem dota com qualificativos os fenômenos do mundo, como montanhas, rios, túneis, praias, praças, províncias, continentes. Esta relação de domínio e intimidade é preciosa, pois somente as coisas queridas possuem nomes e por eles são chamadas.

Segundo os monoteístas, todo lugar, em razão da Onipresença do Senhor, é sagrado. Para os católicos, o ato do sinal-da-cruz em frente à igreja indica que alguns lugares são mais sagrados do que outros. A hierarquia da sacralização dos lugares pode ser interpretada, também através das palavras do Senhor dirigidas a Moisés (Êxodo — Capítulo 2 — Versículo 5): “não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa”.<sup>9</sup> As religiões pentecostais, no afã de levar a palavra do Criador a todos os cantos, parecem entender que mesmo os “locais de perdição” (espaços) podem ser lugares (e sagrados). A Igreja da Graça de Deus instalou, ao final dos anos 80, na Galeria Alaska, em Copacabana, Rio de Janeiro — ponto de encontro de homossexuais, prostitutas, bêbados, toxicômanos e detentora de afamadas casas de diversão —, um templo no recinto, onde anteriormente era um cinema dedicado a artes pornográficas. Do mesmo modo, o Teatro Brigitte Blair II, na Cinelândia, Rio de Janeiro — especializado de terça a domingo, em peças e revistas eróticas —, se transforma a cada segunda-feira em uma casa de orações do Grupo Renascer do Centro Evangélico. Quer dizer, para os evangélicos, em um único dia da semana, essa casa de espetáculos se torna lugar (e sagrado).

Um outro fato que demonstra a identificação e ligação do homem ao lugar diz respeito ao estado de euforia. No Brasil, comumente o povo recorre ao provérbio: “bêbado nunca esquece o caminho de casa”. O

geógrafo Godkin registrou em seu ensaio, traduzido para o espanhol, em 1985, a imensa capacidade dos alcoólatras em recordar experiências negativas e positivas, a respeito dos espaços e lugares. Com freqüência, os alcoólatras se sentem desorientados e questionam suas identidades ou valores como pessoas. Em parte suas manifestações são desenvolvidas pela sensação de não pertencer a nenhum lugar, consequência de seus sentimentos associados à ansiedade, medo, tristeza, ira e mesmo inutilidade. Mas a experiência e a lembrança de momentos diversos, em ambientes empáticos, podem amenizar o estado de espírito desses indivíduos. As recordações de ambientes agradáveis (lugares) conduzem o alcoólatra a refúgios seguros do qual os indivíduos se evadem de suas experiências infelizes (Godkin, 1985, p. 246).

Uma outra questão cara à Geografia humanística, e surgida no âmbito desta corrente, diz respeito ao conceito de “deslugar”, construído por Edward Relph em sua obra *Place and Placelessness* (1976), referente às paisagens estandartizadas e repetidas. Uma pergunta se impõe a respeito do deslugar. As pessoas que experienciam as paisagens tidas como artificiais, monótonas, homogêneas, assim as consideram, ou sabem distingui-las e a elas se afeiçoam? Em sua própria tese de doutoramento em Geografia, Relph apresenta os diferentes tipos de entendimentos dos aborígenes e europeus a propósito das paisagens do noroeste da Austrália. Os europeus falam da uniformidade da paisagem australiana. Os nativos, contudo, captam a paisagem de maneira totalmente diversa em que cada aspecto da paisagem é conhecido e suas nuances identificadas.

Como se sabe, as pessoas não se sentem coagidas a gostar apenas da arquitetura que obedece a certos padrões estéticos. No convívio, as paisagens artificiais, interpretadas como feias, transforma-se em belas e agradáveis, ou seja, lugares. A impressão de que são deslugares, deve se restringir aos estranhos, desejosos do prazer estético de seus valores.

<sup>8</sup> Segundo Carlos Nelson Ferreira dos Santos, em aulas ministradas no Programa de Pós-graduação em Geografia, na UFRJ, nomear (pessoas, animais, lugares, etc.) na tradição judaica significa ter domínio.

<sup>9</sup> A mesma passagem bíblica já foi trabalhada por Bettanini (1982) e Tuan (1983).

A crítica de Eyles (1989, p. 109) ao conceito de deslugar parece pertinente, pois as paisagens estandarizadas, como as dos conjuntos habitacionais, podem ganhar sentido e significado, visto que as pessoas podem amar tanto as paisagens por elas criadas como as escolhidas ou impostas pelas contingências da vida.

Os prédios que possuem a mesma e repetida feição, os conjuntos habitacionais, as auto-estradas que conduzem aos aeroportos e os viadutos que enfeiam o espaço urbano podem ser espaços, lugares e deslugares, dependendo da experiência de cada um ou dos grupos sociais. A familiaridade para com esses cenários uniformes deve se manifestar de maneira mais lenta, mas dependendo de cada avaliação, o que é paisagem enfadonha, para uns, pode, para outros, em razão de seus valores e conteúdos, merecer apreciações sob diferentes prismas.

As auto-estradas como as que vão ter aos aeroportos, mesmo ajardinadas, são espaços ou deslugares para quem as percorre a pé, em meio ao barulho ensurdecedor dos veículos. Mas o referido trajeto realizado de maneira confortável em ônibus ou carro pode transformar essa mesma paisagem em lugar. Os viadutos ligam diversos pontos da cidade e são relevantes para quem precisa "cortar caminho" e chegar mais rápido ao seu destino. Sob este ângulo podem ser lugares. Contudo, para quem reside nas ruas onde são construídos esses monumentos, os viadutos — que enfeiam, escurecem e desvalorizam o logradouro — são ou podem ser deslugares.

Para a formação da identidade dos lugares, a relação entre comunidade e meio ambiente é essencial. Os lugares são "públicos", criados e entendidos através das experiências comuns, símbolos e significados (Relph, 1976, p. 34). A idéia pode ser reforçada pela frase do filósofo francês Gabriel Marcel (Relph, 1976, p. 43, recorrendo a Matoré): "um indivíduo não é distinto do seu lugar, ele é esse lugar". Assim, de acordo com as palavras de Relph, e as por ele recolhidas, para o conceito de lugar, pode-se dizer que a experiência vivida, nos conjun-

tos habitacionais, eleva essas edificações à condição de lugares.

A arquitetura colonial brasileira remanescente na paisagem de muitas cidades é rica em detalhes e contornos. Em contraste, a arquitetura capitalista é mais padronizada. Em países como o Canadá e os Estados Unidos é comum a repetição da mesma seqüência arquitetônica em lanchonetes *fast-food* ou nas estradas, que apresentam a mesma e cansativa fisionomia.<sup>10</sup> Da mesma forma, no Rio de Janeiro, os CiEPs — Centros Integrados de Educação Pública —, instalados em vários bairros da cidade, obedecem a um único estilo, o que pode confundir o indivíduo e empobrecer a sua orientação no meio ambiente, ao deparar com prédios idênticos, que lhe parecem indistintos.

As paisagens, de acordo com o modo em que são experienciadas, mudam as suas identidades (Relph, 1976, p. 133). O deslugar é vazio de significados, mas a paisagem com a mesma seqüência pode ser admirada (lugar). As favelas construídas nas encostas dos morros do Rio de Janeiro, dotadas de caminhos íngremes, podem parecer deslugares para o estranho, porque são "feias", "caóticas", sem muita diferenciação, mas para os seus habitantes e frequentadores — utilizando-se livremente as próprias palavras de Relph (1976, p. 141), essas combinações de ordem humana e natural, centros significantes das experiências do mundo — são lugares.

## A LITERATURA NA VERTENTE HUMANÍSTICA

A literatura tem sido pródiga em mostrar os diferentes modos de vida e o processo de entendimento, podendo ser, até mesmo, uma maneira de se conhecer os lugares. Os geógrafos podem aprender com os escritores, poetas e compositores, sem a necessidade de aplicar inquéritos, uma prática freqüentemente adotada por esses cientistas sociais, em trabalho de campo. Cabe,

<sup>10</sup> Agradeço à geógrafa Helena Zarur Lucarelli pelas informações acerca das paisagens "xerocopiadas", monótonas ("deslugares") encontradas no Canadá e Estados Unidos, principalmente nas auto-estradas.

então, aos geógrafos analisarem esse material, já pronto, a respeito da fisionomia dos lugares, tradições religiosas, motivações migratórias e contrastes espaciais.

A literatura é um meio eficaz de investigação, focalizando os aspectos geográficos, incluindo o grupo, herói, família e categoria social (Frémont, 1980, p. 97). Os literatos, geógrafos amadores, descrevem e inventariam geografias de lugares diversos, fornecendo um rico material a ser apreciado pelos geógrafos formais. Os escritores literários (Johnston, 1986b, p. 77, remetendo-se a Watson) são plenos de valores, atitudes, fantasias, sentimentos, belezas, contendo a alma dos lugares. Em razão disso, Johnston (1986b, p. 77), recorrendo a Tuan, critica a omissão da Geografia, por não pesquisar de maneira mais intensa o material literário, fértil em detalhes sobre o mundo vivido, fonte que não só educa, como também, entretém.

O geógrafo humanístico Douglas C. D. Pocock organizou obras e escreveu diversos artigos que investigam os diferentes lugares, fundamentados na literatura. Pocock (1988, p. 88) diz que, embora timidamente, a Geografia, desde o início do século, vem recorrendo à literatura para empreender algumas análises espaciais. O referido geógrafo arrola como exemplos os trabalhos de Mill (1910) sobre a Inglaterra e Anon (1923) a respeito da América do Norte. Já na metade do século, apenas um punhado de artigos se voltou à literatura: Baker, 1931 a 1951, e Darby, 1948. Mas, em 1972, a União Geográfica Internacional dedicou uma sessão aos estudos regionais apoiados em literatura e, em 1974, no Congresso de Geógrafos Americanos ocorreu uma sessão dedicada à paisagem na literatura. Do mesmo modo, o Encontro de Geógrafos Ingleses, em 1979, destinou uma conferência sobre a perspectiva da literatura na Geografia. Nesse período começam a surgir, conforme inventariado por Pocock, vários livros de cunho geográfico focalizando a literatura de diversas partes do mundo.

No Brasil, a geografia continua ignorando, particularmente no Rio de Janeiro, os lega-

dos de Lima Barreto e Machado de Assis, embora até mesmo a imprensa tenha salientado, durante as comemorações do sesqui-centenário do nascimento de Machado de Assis a sua "geografia de sonhos e delírios".<sup>11</sup>

A Geografia humanística tem-se dedicado a analisar uma vasta literatura. De acordo com Ley (1985, p. 415, citando Watson), a literatura pode ser uma fonte para os geógrafos, já que este material evoca a "alma" dos lugares. Sem dúvida, os escritores captam e descrevem o desempenho dos seres humanos, a fixação aos lugares, o cotidiano, o transcendental, o exílio, as viagens festivas, a nostalgia, enfim uma ampla gama de motivos e emoções. A literatura (Pocock, 1988, p. 93) conta ou reconstrói uma estória, diz o que é o ser humano, direta ou indiretamente, suas privações, pensamentos, sentimentos, experiências, também a complexidade, ambigüidade e o humor da linguagem e da vida (Pocock, 1988, p. 95, citando Gunnar Olsson). Nos livros estão assentadas diversas metáforas acerca das paisagens e experiências espaciais, objeto de estudo dos geógrafos, como Tuan e Buttimer já manifestaram reiteradas vezes. Os trabalhos dos escritores são produtos da sociedade, uma construção cultural ou social, não sendo um meio passivo ou neutro de comunicação (Pocock, 1988, p. 95, citando Potter) e sim uma janela sobre o mundo, bem mais contundente do que um quadro pintado (Pocock, 1988, p. 95 mencionando Barrell).

A literatura relata, em escalas variadas, a identidade dos lugares. Os escritores interpretam e divulgam os sentimentos, o que é pitoresco, próprio de certos lugares, os seus artefatos modernos, as dificuldades e particularidades, o que lhe é familiar e a sensação de se sentir "em casa" ou "fora do lugar" (Pocock, 1981, p. 337). Pocock (1981, p. 338, recorrendo a Somerset Maughan) prossegue lembrando que para expressar com profundidade o caráter do lugar, o literato precisa ser um deles (do lugar), não bastando a observação de um estranho. Os escritores europeus, segundo

<sup>11</sup> Manchete do *Jornal do Brasil*, "Uma Geografia de Sonhos e Delírios", Caderno Cidade 18/6/1989, páginas 4 e 5, reportagem assinada por Mário Pontes.

um intelectual nigeriano, mesmo após uma longa permanência no continente negro, continuavam a retratar a "África da imaginação européia", equivocando-se a respeito dos papéis da música, arte, espaço e tempo.

As palavras ou versos permitem múltiplas interpretações. Os geógrafos precisam estar atentos ao lidar com a literatura ou poesia. A linguagem é, muitas vezes, ambígua, entrecortada de símbolos, metáforas e devaneios. Um cuidado extremo, por exemplo, deve ser tomado quando o geógrafo examina a composição literária "escrita por mãos sem calosidade", como referido por Tuan (1980, p. 113), com respeito à literatura rural.

A literatura musicada tem, possivelmente, uma grande vantagem sobre a literatura (dos livros), uma vez que assomam na música popular compositores de diferentes estratos de renda e níveis educacionais.

De acordo com a geógrafa humanística Courtice Rose (1980, p. 124), que segue a linha hermenêutica, qualquer texto — signos, símbolos, textos verbais ou não, linguagem gestual, etc. — pode ser objeto de estudo da Geografia humana.

A música popular tem contribuído para promover o congraçamento entre os povos. Quando da visita de um estrangeiro ou habitante de outro local, na chegada a uma cidade ou País, a música popular é utilizada com artifício para despertar lembranças e para troca de gentilezas. Os compositores oriundos dos mais diversos segmentos da sociedade falam de suas experiências diretas com o seu grupo social e lugar, ou comungam e se solidarizam com outras camadas sociais e lugares.<sup>12</sup>

A música popular carrega em seu bojo desde intelectuais de classes privilegiadas a cidadãos de origem humilde, incluindo até mesmo analfabetos. A força e os significados relatados pelos depoimentos musicados emergem do íntimo, da alma dos compositores, a partir de suas vivências, concepções e solidariedades, longe da dicotomia sujeito-objeto. Com razão, Anne Buttmer (1985b, p. 227) lembra que muitas

poesias e canções modernas são carregadas de emoção sobre o sentido do lugar.

## À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUNS QUESTIONAMENTOS

A perspectiva humanística é mais uma alternativa para os estudos geográficos, e tem por tarefa — difícil de ser realizada — interpretar a dinâmica da experiência vivida. As questões arroladas a seguir, embora não esgotem a riqueza do mundo vivido, podem servir de subsídios para o empreendimento de novas pesquisas.

— Qual é a consciência dos indivíduos e grupos sociais sobre a organização espacial em sua complexa fragmentação e articulação?

— Como são as habilidades e conhecimentos espaciais e os envolvimento das pessoas com os "seus" lugares?

— O espaço e o lugar são conscientizados somente a partir do confronto da experiência direta e vivida?

— De que maneira os meios de comunicação, as artes, a literatura e os relatos verbais contribuem para que as pessoas conheçam, vivenciem e queiram conhecer, direta ou concretamente, os lugares focalizados?

— Como são captadas a heterogeneidade dos espaços das classes sociais e as descontinuidades geográficas em razão de elementos físicos e/ou monetários?

— Que tipo de rivalidades geográficas ocorrem entre diferentes espaços?

— Como os indivíduos e grupos sociais elegem novas centralidades, proclamam os lugares da moda, levantam (e ratificam) utopias urbanas?

— Por que determinados lugares servem como fonte de inspiração a escritores, poetas e compositores, enquanto outros não são lembrados?

— Por que as pessoas tendem a alardear as belezas e proezas de "seus" lugares?

— De que maneira promovem os "seus" lugares?

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, dissertação de mestrado (em fase de elaboração, na UFRJ), de João Baptista Ferreira de Mello, "O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular — 1928/1989 — uma Introdução à Geografia Humanística".

- Como os sentimentos pelos espaços e lugares são afetados pelo tempo e a convivência?
- Como a dinâmica dos lugares é apreendida pelas pessoas?
- De que maneira tem sido explorada a história geográfica dos espaços e lugares?
- Como são os "sentimentos topofílicos do passado" (Tuan, 1980, p. 139) evocados pelas pessoas?
- Como ao longo do tempo varia a noção de lugar? (Alvarez, 1982, p. 21).
- Como os diferentes segmentos da sociedade denunciam o caos, o desencanto, a desordem e a descrença?
- Como denunciam as condições de vida da população de baixa renda e resistem às transformações espaciais?
- Como sucumbem às políticas públicas que destroem os pontos queridos e/ou da cultura popular, por causa do "progresso"?
- Como são considerados os conflitos sócio-espaciais?
- Como o homem experimenta, fantasia, calcula e entende o espaço? (Alvarez, 1982, p. 21, citando Tuan).
- Como se dá a aprendizagem do espaço no dia-a-dia?
- Como são encaradas as migrações ocasionais, habituais e definitivas?
- Como a economia e o assentamento afetam as idéias e valores frente ao meio ambiente?
- Como certos lugares qualificam os indivíduos que os experienciam?
- Como são construídos os preconceitos em relação a determinados espaços?
- O que é o espaço urbano para o homem do campo? E o meio rural para o cidadão?
- O que é a natureza natural e a natureza artificial (Milton Santos, 1988, p. 64, citando Sauer) para os indivíduos e grupos sociais?
- Como os homens experienciam o sentido de pertencer ao lugar?
- Como o homem vive, age e pensa (Johnston, 1986a, p. 218) a respeito do espaço e do lugar?

## BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, José Estébanz. *La Geografía Humanística. Anales de la Universidad Complutense*, v. 2, Universidad Complutense, p. 11-31, 1982.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, Ciência da Sociedade. Uma Introdução à Análise do Pensamento Geográfico*. São Paulo, Atlas, 1987, 143 p.
- BACHELARD, Gaston. A. *Poética do Espaço*. In: OS PENSADORES, São Paulo, Abril Cultural, p. 181-354, 1978.
- BETTANINI, Tonino. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 157 p.
- BROEK, Jan Q. M. *Iniciação ao Estudo da Geografia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, 155 p.
- BRUNET, Roger. *Análisis de Paisajes y Semiología*. In: EL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO, (orgs.), Josefina Gomez Mendoza et al. Madrid, Alianza Editorial, p. 485-493, 1982.
- BUTTNER, Anne. *Values in Geography. Commission College Geography. Association of American Geographers, Resource Paper 24*, Washington, 1974, 58 p.
- \_\_\_\_\_. *Charism and Context: the Challenge of la Géographie Humaine*. In: HUMANISTIC GEOGRAPHY: PROSPECTS AND PROBLEMS, David Ley and M. Samuels (eds), London Croom Helm, p. 58-76, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Erewhon or Nowhere Land*. In: PHILOSOPHY IN GEOGRAPHY, Etephen Gale and Gunnar Olsson (eds), Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, p. 9-37, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Introduction*. In: THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE, Anne Buttner and David Seamon (eds), New York, St. Martin's Press, p. 13-18, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido*. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA, Antonio Christofolletti (org). São Paulo, Difel, p. 165-193, 1985 a.
- \_\_\_\_\_. *Hogar, Campo de Movimento y Sentido del Lugar*. In: TEORÍA Y MÉTODO EN LA GEOGRAFIA HUMANA ANGLOSAJONA, Maria Dolores Garcia Ramón (org), Barcelona, Ariel, p. 227-241, 1985 b.
- CAPEL, Horácio. *Percepción del Medio y Comportamiento Geográfico. Revista Geográfica, Universidade de Barcelona*, 7 (1 e 2): 58-150, 1973.

- \_\_\_\_\_. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea — una Introducción a la Geografía*. Barcelona, Barcanova, 1981, 509 p.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982, 447 p.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1985, 125 p.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia e a Percepção do Espaço*. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, IBGE, 45 (2): 243-255, 1983.
- COOK, Ian G. *Consciência y Novela: Realidade o Ficción en las Obras de D. H. Lawrence*. In: *TEORÍA Y MÉTODO EN LA GEOGRAFÍA HUMANA ANGLOSAJONA*, María Dolores García Ramón (org.), Barcelona, Ariel, p. 254-271, 1985.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo, Ática, 1986, 93 p.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. *As Perspectivas dos Estudos Geográficos*. In: *PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA*, Antonio Christofolletti (org.), São Paulo, Difel, p. 11-36, 1985.
- DANIELS, Stephen. *Arguments for a Humanistic Geography*. In: *THE FUTURE OF GEOGRAPHY*, J. R. Johnston (ed.), London, Methuen, p. 143-158, 1985.
- COX, Kevin R. *Bourgeois Thought and the Behavioral Geography Debate*. In: *BEHAVIORAL PROBLEMS IN GEOGRAPHY REVISITED*, Kevin R. Cox and Reginald G. Golledge (eds.), New York, Methuen, p. 256-279, 1981.
- DARTIGUES, André. *O que é Fenomenologia?* Rio de Janeiro, Eldorado, 1971, 163 p.
- ENTRIKIN, J. N. *Contemporary Humanism in Geography*. *Annals of Association of American Geographers*, (66): 615-632, 1976.
- EYLES, John. *The Geography of Everyday Life*. In: *HORIZONS IN HUMAN GEOGRAPHY*, Derek Gregory and Rex Walford (eds.), Houndmills, Macmillan Education, p. 102-117, 1989.
- FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. *Leitura sem Palavras*. São Paulo, Ática, 1986, 72 p.
- FIREY, Walter. *Sentimento y Simbolismo como Variables Ecológicas*. In: *ESTUDIOS DE ECOLOGÍA HUMANA*, G. A. Theodorson (org.), Barcelona, Labor, v. 1, p. 419-432, 1974.
- FRÉMONT, Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra, Almadina, 1980, 275 p.
- GALLAIS, Jean. *Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical*. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 245 (35): 5-13, 1977.
- GARCÍA RAMÓN, María Dolores. *Teoría y Método en la Geografía Humana Anglosajona*. Barcelona, Ariel, 1985, 272 p.
- GODKIN, Michael A. *Identidad y Lugar: Aplicaciones Clínicas Basadas en los Naciones de Arraigo y Desarrollo*. In: *TEORÍA Y MÉTODO EN LA GEOGRAFÍA HUMANA ANGLOSAJONA*, María Dolores García Ramón (org.), Barcelona, Ariel, p. 242-253, 1985.
- GOULD, Peter. *Las Imagens Mentales del Espacio Geográfico*. In: *EL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO*, Josefina Gomez Mendonza et al (orgs.), Madrid, Alianza, p. 477-488, 1982.
- GREGORY, Derek. *Ideologia, Ciencia y Geografía Humana*. Barcelona, Oikostau, 1984, 234 p.
- GUELKE, Leonard. *Uma Alternativa Idealista na Geografia Humana*. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 252 (35): 36-49, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Idealism*. In: *THEMES IN GEOGRAPHIC THOUGHT*, Milton E. Harvey and Brian P. Holly (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 133-147, 1981.
- HAGERSTRAND, Torsten. *Foreword*. In: *THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE*, Anne Buttner and Davis Seamon (eds.), New York, St. Martin's Press, 1980.
- HAMMERLI, Sulamita Machado. *Notas Inéditas*, 1987.
- HARVEY, Milton E.; Holly, Brian P. *Paradigm, Philosophy and Geographic Thought*. In: *THEMES IN GEOGRAPHIC THOUGHT*, Milton E. Harvey and Brian P. Holly (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 11-37, 1981.
- JACKSON, Peter; SMITH, Susan J. *Exploring Social Geography*. London, George Allen & Unwin, 1984, 239 p.
- JOHNSTON, R. J. et al (eds.). *The Dictionary of Human Geography*. Oxford, Basil Blackwell, p. 207-209, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Philosophy and Human Geography (an Introduction to Contemporary Approaches)*. London, Wdward Arnolds, 1986a, 152 p.
- \_\_\_\_\_. *Geógrafos e Geografia*. São Paulo, Difel, 1986b, 359 p.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 230 p.
- LADRIÈRE, Jean. *A Cidade, Indutor Existencial*. In: *VIDA SOCIAL E DESTINAÇÃO*, São Paulo, Convívio, p. 164-190, 1979.
- LEY, David. *Social Geography and the Taken-for-granted World*. In: *PHILOSOPHY IN GEOGRAPHY*, Stephen Gale and Gunnar Olsson (eds.), Dordrecht, Holland, D. Reidel, p. 215-236, 1979.

- \_\_\_\_\_. Cultural/Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*, 5 (2): 249-255, 1981a.
- \_\_\_\_\_. Behavioral Geography and the Philosophies of Meaning. In: *BEHAVIORAL PROBLEMS IN GEOGRAPHY REVISITED*, Kevin Cox and Ronald E. Gollidge (eds.), New York, Methuen, p. 209-230, 1981b.
- \_\_\_\_\_. Rediscovering Man's Place. *Transactions of the Institute of British Geographers*, New Series 7, p. 248-253, 1982.
- \_\_\_\_\_. Cultural/Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*, 7 (2): 267-272, 1983.
- \_\_\_\_\_. Cultural/Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*, 9: 415-423, 1985.
- LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: *PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA*, Antonio Christofolletti (org.), São Paulo, Difel, p. 103-141, 1985.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, Martins Fortes, 1980, 207 p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a Fenomenologia da Linguagem. In: *OS PENSADORES*, São Paulo, Victor Civita, p. 129-215, 1980.
- OLIVEIRA, Lúvia. A Percepção da Qualidade Ambiental. A Ação de Homem e a Qualidade Ambiental. Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP, 1983, 13 p. (mimeo).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A Categoria de (Des)ordem e a Pós-Modernidade da Antropologia. In: *PÓS—MODERNIDADE*, Campinas, Unicamp, p. 9-41, 1988.
- PEIXOTO, Néelson Brissac; OLALQUIACA, Maria Celeste. O Futuro do Passado. In: *PÓS—MODERNIDADE*, Campinas, Unicamp, p. 73-88, 1988.
- PENHA, João, da. *O que é Existencialismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989, 122 p.
- PICKLES, John. *Phenomenology, Science and Geography*. London, Cambridge University Press, 1985, 202 p.
- POCOCK, Douglas C. D. Place and the Novelist. *Transactions of the British Geographers*, New Series 6, p. 337-347, 1981.
- \_\_\_\_\_. Geography and Literature. *Progress in Human Geography*, 12 (1): 87-99, 1988.
- \_\_\_\_\_. Sound and the Geographer. *Geography*, p. 193-200, 1989.
- RELPH, Edward C. *Place and Placelessness*. London, Pion, 1976, 156 p.
- \_\_\_\_\_. As Bases Fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4 (7): 1-25, 1979.
- \_\_\_\_\_. Rational Landscapes and Humanistic Geography. London, Croom Helm, 1981a, 160 p.
- \_\_\_\_\_. *Phenomenology*. In: *THEMES IN GEOGRAPHIC THOUGHT*, Milton E. Harvey and Brian P. Holly (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 99-114, 1981b.
- ROSE, Courtice. Human Geography as Text Interpretation. In: *THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE*, Anne Buttner and Davis Seamon (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 123-134, 1980.
- \_\_\_\_\_. Wilhelm Dilthey's Philosophy of Historical Understanding: a Neglected Heritage of Contemporary Humanistic Geography. In: *GEOGRAPHY, IDEOLOGY AND SOCIAL CONCERN*, D.R. Stoddart (ed.), Oxford, Basil Blackwell, p. 99-133, 1981.
- ROWLES, G. D. Reflections on Experiential Field Work. In: *HUMANISTIC GEOGRAPHY: PROSPECTS AND PROBLEMS*, Davis Ley and M. SAMUELS (eds.), London, Croom Helm, p. 173-193, 1978.
- ROWNTREE, Lester. Cultural/Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*, 10 (4): 581-586, 1986.
- \_\_\_\_\_. Cultural/Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*, 11 (4): 558-564, 1987.
- SAMUELS, Marwyn S. An Existential Geography. In: *THEMES IN GEOGRAPHIC THOUGHT*, Milton E. Harvey and Brian P. Holly (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 115-132, 1981.
- SANGUIN, André Louis. La Géographie Humaniste ou L'approche Phénoménologique des Lieux, des Paysages et des Espaces. *Annales de Géographie*, n. 501, X<sup>e</sup> Année, p. 560-587, 1981.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O Que é Pós-Moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1988, 111 p.
- SANTOS Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo, USP, 1978, 236 p.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo, Hucitec, 1988, 124 p.
- SCHALCHER, Maria da Graça Franco Ferreira. Fenomenologia e Linguagem. In: *FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA*, Creusa Capalbo (org.), Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, p. 83-95, 1983.

- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 396 p.
- SEAMON, David. Body-Subject, Times-Space Routines and Place-Ballets. In: THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE, Anne Buttimer and David Seamon (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 148-165, 1980a.
- \_\_\_\_\_. Afterword: Community, Place and Environment. In: THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE, Anne Buttimer and David Seamon (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 188-196, 1980b.
- \_\_\_\_\_. The Fenomenological Contribution to Environmental Psychology. *Journal of Environmental*, London, 2: 119-140, 1982.
- \_\_\_\_\_. Heidegger's Notion of Dwelling and one Concrete Interpretation as Indicated by Hassan Fathy's Architecture for the Poor. *Geoscience and Man*, v. 24: 43-53, 1984.
- \_\_\_\_\_. PHENOMENOLOGY and Vernacular Lifeworlds. In: ARCHITECTURE IN CULTURAL CHANGE, David G. Saile (ed.), Lawrence: School of Architecture, University of Kansas, p. 17-24, 1987.
- \_\_\_\_\_. Phenomenology and Environment. Behavior Research. In: ADVANCES IN ENVIRONMENT, Behavior and Design, v. 1: 3-27, 1987.
- \_\_\_\_\_. Humanistic and Phenomenological Advances in Environmental Design. *The Humanistic Psychologist*, 17 (3): 280-293, 1989.
- \_\_\_\_\_.; NORDIN, Christina. Marketplace as Place Ballet: a Swedish Example. *Landscape*, 24 (3): 35-41, 1980c.
- SEVCENK, Nicolau. O Enigma do Pós-Moderno. In: PÓS-MODERNIDADE, Campinas, Unicamp, p. 43-55, 1988.
- SIEBENEICHLER, Flávio Beno. Fenomenologia e Hermenêutica. In: FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA, Creusa Capalbo (org.), Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, p. 9-33, 1983.
- SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e Geografia. Orientação, Instituto de Geografia/Universidade de São Paulo, 7: 53-56, 1986.
- \_\_\_\_\_. O Ser, a Aparência e a Forma. 1988, 25 p. (mimeo).
- STRAUCH, Lourdes Manhães de Mattos. Educação e Comportamento Espacial. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, IBGE, 42 (1): 31-51, jan./mar. 1980.
- TUAN, Yi-Fu. Ambigüidades nas Atitudes para com o Meio Ambiente. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, IBGE, 245 (33): 5-23, 1975.
- \_\_\_\_\_. Literature and Geography. In: HUMANISTIC GEOGRAPHY: PROSPECTS AND PROBLEMS; David Ley and M. Samuels (eds.), London, Croom Helm, p. 194-206, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Landscape of Fear*. New York, Pantheon Books, 1979, 263 p.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia*. São Paulo, Difel, 1980, 228 p.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar*. São Paulo, Difel, 1983, 250 p.
- \_\_\_\_\_. Continuity and Discontinuity. *The Geographical Review*, New York, 74 (3): 245-256, 1984.
- \_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA, Antonio Cristofoletti (org.), São Paulo, Difel, p. 143-164, 1985.
- \_\_\_\_\_. *The Good Life*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1986, 191 p.
- \_\_\_\_\_. The City as a Moral Universe. *The Geographical Review*, New York, 78 (3): 316-324, 1988.
- WAGNER, Helmut R. Introdução da Obra de Alfred Schultze, Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro, Zahar, p. 3-50, 1979.
- WAMSLEY, D. J.; LEWIS, G. J. Human Geography: Behavioral Approaches. Harlow, Essex, Longman, 1984, 195 p.
- WILSON, Bobby M. Social Space and Symbolic Interaction. In: THE HUMAN EXPERIENCE OF SPACE AND PLACE, Anne Buttimer and David Seamon (eds.), New York, St. Martin's Press, p. 135-147, 1980.
- YAMANO, Masahiko. A Bibliography of Cultural/Humanistic Geography. In: INDIGENOUS AND FOREIGN INFLUENCES IN THE DEVELOPMENT OF JAPANESE GEOGRAPHICAL THOUGHT, Hideki Nozawa (org.), Fujioka, Kyushu University, p. 71-84, 1989.

## RESUMO

No início dos anos 70, alguns geógrafos, desencantados com uma Geografia sem homens, começam a buscar nas filosofias dos significados (fenomenologia, existencialismo, idealismo e hermenêutica) respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo, que omite as questões da vida e fala dos homens contados aos montes como gado.

A Geografia humanística, posicionando-se contra testes hipotéticos, teorias e leis, é crítica e radical por não perfilar com aqueles que excluem de suas pesquisas os sentimentos, entendimentos, intenções, valores e devaneios dos homens, que criam, atuam e vivem no espaço. A corrente humanística, uma orientação pós-positivista, procura desvendar a consciência espacial dos seres humanos, visando a compreender as alegrias e carências dos indivíduos e grupos sociais, para então tentar influir e agir na construção de um espaço mais humanizado.

## ABSTRACT

For a long time, geographers have left out for their researches the neighborhood laces, the links among people and the environment, the awe and the fixation to spaces and places. Based upon human experience, humanistic geography understands the dynamics of life-world. Such corrente, emerged during the seventies, supports itself on philosophies of meaning (phenomenology, existencialism, idealism and hermeneutic), trying by these means, to reveal the spatial awareness in the human beings.

So the humanistic geographers aim to understand the joys and lacknesses of individuals and social groups, to influence and act on the construction of a more humanized space. The humanistic geography, placing itself against hypothetical texts, theories and laws, is critical and radical just because it does not agree with those ones who exclude from their researches, the feelings and understandings of men who create, act and live in the space.